



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração — Calçada do Lombo, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Távola — Lisboa • Telefone:?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O reconhecimento dos soviets

Parece que vai ser emfim reconhecido o novo estado social Russo. Certas revelações diplomáticas, vindas a público indiscretamente, não deixam dúvida de que se prepara uma modificação na política dos Aliados, devido só à atitude cada vez mais hostil da classe operária contra a intervenção armada num país livre, mas, sobretudo, ao reconhecimento da impotência em subjugar grande movimento proletário.

Quando se fizer a história dos sucessos russos e for acessível ao estrangeiro o país dos soviets, ver-se-há de que infâncias e indignidades se serviram as chancelas negras para desacreditarem a revolução do oriente, e que falso de visão houve da parte daqueles que, orientados nas correntes democráticas que sopravam no mundo, não hesitaram associar-se aos baixos processos da política entusiasta da qual, bem inconscientemente, bem párvoamente vieram o odioso jogo. Hoje que coisas parecem melhor encaninhadas e que, mercê dum humorismo e duma audácia que só a justiça dum nobre podia inspirar, o bolxevismo russo resiste gallardamente à coligação do imperialismo capitalista, um ambiente mais favorável de tolerância e indulgência começo a criar-se.

Que os soviets resistem ao militarismo aliado é que ninguém contesta já. Os ingleses vêm-se brincando a abandonar Arcângel, trinta mil checoslovacos vão deixar a Rússia asiática. O chefe da contra-revolução, Koltchak, e o seu quartel-general para Irkutsk e interna-se na Sibéria cada vez mais longe da Rússia europeia. O outro encontro revolucionário, Denikin, enriquece-se com a diversão destrópica da ofensiva contra a Ucrânia. Por outro lado a paz no governo de Moscovo negocia com as novas repúblicas bálticas que reconhecidamente pela Entente, anam inoficaz o bloqueio desta e finalizam qualquer agressão possível da parte da Alemanha governada agora pelos socialistas Kaiser, tão inimigos dos soviets como os imperialistas ocidentais.

E como explicar este triunfo dos soviets? A que atribuir estes sucessos retumbantes com tão fracos recursos militares como são quões de que dispõem os exércitos vermelhos? A bolchevização de toda a Rússia, ao enraizamento das instituições soviéticas por da velha terra dos czares. Em essência os factos tão evidentes, o momento de ignorantes ou de cecados pode germinar a ideia que o bolxevismo está agonizando e estorvoriza como arengariamente as gazetas burguesas numa insistência que está na raiz inversa da realidade e que consegue já a cair no ridículo.

Vai ser pois dada a paz à Rússia bolxevista? Vão ser reconhecidas as instituições soviéticas? Isso que venha e bem depressa, e nós veremos o que pode realizar em paz um sistema que tão boas provas deu em guerra.

Alfredo da Silva em foco

Habituado a fazer curvar os governos, não quer pagar uma contribuição da Câmara Municipal do Barreiro

A Câmara Municipal do Barreiro, atendendo às necessidades públicas do concelho e muito especialmente da vila do Barreiro, lançou, há pouco tempo, ao abrigo da lei, um imposto sobre todos os produtos nele produzidos. Sucedeu que, depois de várias tentativas para a efectivação desta medida pelas comissões administrativas transactas, sem resultado, pela oposição que os industriais sempre lhe fizeram, destacando-se dentre eles o potentado Alfredo da Silva, a actual comissão administrativa da Câmara Municipal do Barreiro resolviu, por facto, em execução aquela medida.

Os especuladores que nos falam dos horrores da miséria russa esquecem propósitamente que ela resulta não do sistema das novas instituições mas do bloqueio imposto pelos países aliados que tinham, aliás, uma igual depressão económica resultante do estado geral da guerra e da circunstância especial da campanha submarina. Que seria de nós, que seria da Europa, ocidental se se sofresse um bloqueio igual ao que sofre a Rússia, passa já de cinco anos?

Evidentemente, uma mudança de regime causa sempre perturbações graves e ninguém esperava, mesmo os mais simplistas, que o império russo, esgotado e arruinado pela guerra e pelas derrotas se transformasse mágicamente num Eldorado ridente e farto. Mas a resistência da Revolução às emigrações internas, agravadas com as injunções estranhas dominadas pelo propósito dum aniquilamento sistemático, provam, ao contrário, a favor do novo regime.

Não, o bolxevismo não morre. Que o sistema soviético evoluirá talvez para um socialismo moderado antes de se lançar na via do comunismo integral, não o reputamos inadmissível. Todo o governo tende a tornar-se conservador. Mas a transformação do capitalismo, o regime iníquo da exploração patronal, o nívelamento e uniformização das classes, a abolição das castas e hierarquias sociais, a nobilitação do trabalho, a extinção da burguesia como sucedeu no feudalismo, tudo isso é virtualmente um facto na Rússia vermelha, experiência bem dolorosa neste país, reconhecemos, como foi em França a grande revolução do século XVII, mas de que não se pode aprofundar os países onde porventura se instaura um regime social idêntico.

Vai ser pois dada a paz à Rússia bolxevista? Vão ser reconhecidas as instituições soviéticas? Isso que venha e bem depressa, e nós veremos o que pode realizar em paz um sistema que tão boas provas deu em guerra.

Pró-AVANTE!

Os camaradas do grupo editor do Avante! receberam mais as seguintes quantias para o reparecimento do diário operário:

Transporte: 166\$20. António Dias, 550; Obras do novo Arsenal, 450\$; Do pessoal da indústria de alimentação de um importante hotel, 12570; Obras das Cortes, listas 17 e 18, 325. Soma, 186570.

Aos presos do Picadeiro

Tendo uma comissão de ex-prisioneiros do picadeiro do quartel do Carmo, tomado a iniciativa, que já é de conhecimento de todos, e não tendo sido possível reunir a quantia necessária para a pôr em execução, resolvem a referida comissão entregar a importância apurada, 22375, à comissão pró-presos por questões sociais.

Como, porém, alguns camaradas contribuintes poderão discordar desta solução, ficam por esta forma preventivamente o facto e, os que discordarem, podem vir receber as importâncias com que concorrem, todos os dias úteis, das 19 às 21, até ao dia 15 de Outubro próximo. Findo este prazo, será a referida importância entregue à comissão pró-presos por questões sociais.

Congresso Nacional dos Empregados no Comércio

Reúne-se hoje, às 11 horas, no teatro Rosa Damasceno, em Santarém, a sessão inaugural do Congresso dos Empregados no Comércio, onde se devem fazer representar as Associações do norte, sul e centro do país.

As sessões, que são 4, devem ter lugar hoje e amanhã, discutindo-se os relatórios do Conselho Geral e das Juntas Executivas (norte e sul) da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio e relatório da direção do cofre de resistência, um projeto de estatuto-padrão para as associações de empregados no comércio de Portugal, as teses "Os empregados no comércio e o direito à greve" e "Higiene nos lugares de trabalho e internato" e o relatório dos delegados da classe ao Congresso Nacional Operário de Coimbra.

Greve de músicos em Paris

PARIS, 27.—Continua a greve estando fechados os espectáculos nos salões de concerto e musicais. São fechados os teatros e cinematógrafos. — H.

II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL DOCUMENTOS APROVADOS:

«Relatório do Conselho Jurídico», que recebeu o aplauso unânime do Congresso.

Presos Camaradas: — O Conselho Jurídico da U. O. N. (1.ª secção) é um organismo de criação recente. Acaba de completar um ano de existência. Com todas as instituições, como todos os organismos que da passar pelos estados de formação, nascimento, desenvolvimento até a plena maturação e morte ou desaparecimento. Teve já o seu período de gestação: viveu na consciência operária durante alguns anos a vida embrionária que a necessidade e os factos a cada passo alimentavam — e foi aprovado, em princípio, em um congresso. Nasceu, depois, naturalmente, mercê ainda da repetição dos mesmos factos e de factos identicos que cada vez o tornavam mais necessário e mais urgente. Nasceu, pois, correspondendo a uma necessidade, veio para preencher uma lacuna, surgiu para desempenhar papel seu, para ter funções específicas, para ter uma vida própria, autónoma e vital.

Tem tido um começo de vida perfeita? Tem desempenhado plenamente o seu papel? Tem satisfeito por completo as necessidades que justificaram e produziram o seu aparecimento e que hoje, mais do que ontem, justificam e reclamam a sua manutenção e a sua acção? A resposta não se faz esperar e é espetacular. Não. Como em geral, como quando se não se fazem sempre, instintivamente, os factos que estão da posse da Razão e do Direito, requisitou a autoridade administrativa o embargo de vagões, com sacos de adubos, que o mesmo senhor tentava expedir sem pagamento daquela taxa.

O Conselho Jurídico, apesar de todas as suas insuficiências e apesar do seu modesto esforço em dinheiro, conta seu activo de um ano, além de mais de duzentas, perto de trezentas consultas; além das démarches numerosas feitas para a libertação de operários presos — démarches junto de ministros, directores da polícia de segurança do Estado e da investigação, autoridades militares, etc., démarches que só aqueles que com uma freqüência irritante, me calam sob o olhar, e que teimavam em tapar os vestígios fundos da doença com uma espessa camada de pó de azóto, o qual, por seu lado, teimava também em não querer encobrir as faltas dos outros, deixando completamente a descoberto os buracos fatais — coisa que, francamente, lhe não posso, nem ninguém pode levar a mal. Mau grado meu, a minha meditação era interrompida pela observação, tantas vezes repetida, desse facto, e não pude, então, deixar de notar essa enorme percentagem de assinalados pelo terrível mal. Estou mesmo em dizer que um quinto da população algarvia é alfarinha e begonha, sem que me quizesse para seu esposo? Não sei. Fui insensato. Fui doido. Perdone-me. Eu estava cego e não via mais do que a sua beleza. Ainda ontem me alegrava a vida e ainda ontem me sorria o amor, pensava eu. Enganei-me. A noite, li, por acaso, num jornal mundo, a notícia do seu próximo enlace. Vai, pois, casar com outro, e eu, eu vou desaparecer. Olho a morte, friamente, como ela me encara a mim. Não tenho pena de deixar o mundo, e a lágrima que chega das minhas mãos não importa

tão a interferência do mesmo organismo na sua esfera de ação e os resultados obtidos. E, afinal, com que esforço pecuniário, com que dispêndio de dinheiro? Com um dispêndio que não vai além de algumas centenas, poucas, de escudos, conforme se pode provar.

O Conselho Jurídico, apesar de todas as suas insuficiências e apesar do seu modesto esforço em dinheiro, conta seu activo de um ano, além de mais de duzentas, perto de trezentas consultas; além das démarches numerosas feitas para a libertação de operários presos — démarches junto de ministros, directores da polícia de segurança do Estado e da investigação, autoridades militares, etc., démarches que só aqueles que com uma freqüência irritante, me calam sob o olhar, e que teimavam em tapar os vestígios fundos da doença com uma espessa camada de pó de azóto, o qual, por seu lado, teimava também em não querer encobrir as faltas dos outros, deixando completamente a descoberto os buracos fatais — coisa que, francamente, lhe não posso, nem ninguém pode levar a mal. Mau grado meu, a minha meditação era interrompida pela observação, tantas vezes repetida, desse facto, e não pude, então, deixar de notar essa enorme percentagem de assinalados pelo terrível mal. Estou mesmo em dizer que um quinto da população algarvia é alfarinha e begonha, sem que me quizesse para seu esposo? Não sei. Fui insensato. Fui doido. Perdone-me. Eu estava cego e não via mais do que a sua beleza. Ainda ontem me alegrava a vida e ainda ontem me sorria o amor, pensava eu. Enganei-me. A noite, li, por acaso, num jornal mundo, a notícia do seu próximo enlace. Vai, pois, casar com outro, e eu, eu vou desaparecer. Olho a morte, friamente, como ela me encara a mim. Não tenho pena de deixar o mundo, e a lágrima que chega das minhas mãos não importa

que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que minha pobre mãe que, com tanto sacrifício e com tanto carinho, me quis fazer alguém, mandando-me tirar um curso, não veja os frutos do seu martírio e os resultados dos seus esforços. Fui eu o único culpado, reconheço-o.

Como pude eu alimentar a esperança de que me quizesse para seu esposo?

Não sei. Fui insensato. Fui doido. Perdone-me. Eu estava cego e não via mais

do que a sua beleza. Ainda ontem me alegrava a vida e ainda ontem me sorria o amor, pensava eu. Enganei-me.

A noite, li, por acaso, num jornal mundo, a notícia do seu próximo enlace. Vai, pois, casar com outro, e eu, eu vou desaparecer. Olho a morte, friamente, como ela me encara a mim. Não tenho pena de deixar o mundo, e a lágrima que chega das minhas mãos não importa

que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? — em que tive a infeliz lembrança de erguer os olhos para si, colada, tam alto para sua posição, tenho vivido.

Viver é sofrer, e desde essa tarde de que eu não faço outra coisa. Fui eu o único culpado do que aconteceu e, por isso, não me queixo. Lamento apenas que chega das artérias de Lisboa, não como. É uma tragédia em quatro lances de papel inglês, encorpado e áspero, para onde uma caligrafia, pequena, mas regular, transmite a agonia dum vencido. Oxalá que a minha perquerucha a leia, e que pense, se este liso é suscetível na sua cabecita, um pouco sobre ela. — Ela:

Minha senhora: Desde aquela tarde, faz hoje precisamente três meses, lembra-se? —

ESTÁ SOLUCIONADO

O conflito entre os gráficos e as empresas jornalísticas

Todos os gráficos são indemnizados pelos dias em que os jornais suspenderam a sua publicação

Acaba de ter o seu termo o conflito entre os gráficos e as empresas jornalísticas. Arrastou-se esta questão alguns meses, e, apesar de várias e aturadas demarcações, verifica-se que, devido à persistente ação dispêndida pela Federação do Livro e do Jornal elas os seus esforços corados de êxito.

Aos a "sentença" que o árbitro proferiu e que, duma forma bem incisiva, foi escalpelizada nos comunicados que a Federação do Livro e do Jornal enviou à *Batalha* e nela foram publicados, chegou-se finalmente a um acordo entre a mesma Federação e as empresas jornalísticas.

Enviado a todas as empresas um ofício sobre o assunto, no qual a referida Federação, num legítimo direito de defesa dos gráficos, seus federados, expôs as razões que a levavam a prosseguir nessa mesma defesa e que de modo alguma desejaria que os gráficos ficassem numa situação deprimida perante o público e a organização operária, corresponderam as empresas no sentido de que o assunto fosse liquidado entre elas e os respectivos quadros gráficos, pois se encontravam no propósito de pagar ao seu pessoal o que fosse possível e que estavam animadas de evitar atritos, de modo a que o assunto tivesse uma boa solução.

Entendeu a Federação do Livro e do Jornal, por conveniente, ecom o fim de, também, por sua parte, não levantar quaisquer atritos, conceder aos quadros gráficos autorização para directamente tratar com as empresas.

Como é do domínio público uma empresa houve — o *Diário de Notícias* — que muito espontaneamente fez justiça aos seus operários pagando-lhes os 14 dias em que durou o *lock-out* à razão de 2500 cada dia. Os quadros dos restantes jornais, verificando tal acto de justiça julgaram-se naturalmente no direito de receber igual quantia, pois que os prejuízos que aqueles seus colegas tinham arrecadado a suspensão dos jornais eram idênticos aos seus. Porém, animados do desejo de se mostrarem transientes para com as empresas que se dizem "pobres", mas que, no momento de se combinarem se mostraram "ricas" assentaram, a conselho da Federação, que essa transigência se baseasse no pagamento das horas de paragens constantes da base que também foi prescrita no relatório enviado ao árbitro.

Empresas houve que não aceitavam ainda essa transigência, pois ofereciam quinzena inferior e uma empresa houve que ofereceu uma importância irrisória! Também é justo dizer que houve uma empresa — o *Jornal da Tarde* — que aceitou prontamente e satisfaz sem delongas os 14 dias de *lock-out* de 2500, que era o que os gráficos pediam. Seguiu-lhe outra empresa — o *Jornal do Comércio* — satisfazendo igual importância.

As demais empresas mantinham-se ainda na mesma atitude, declarando, depois de instadas pelos respectivos quadros, que estavam prontas a satisfazer a não atender à reparação de tal injustiça.

Julgaram-se os gráficos desses jornais, e muito bem fundamentados, que ficavam em inferioridade perante os seus colegas, pois que, tendo havido já uma transigência apreciável, muito mal colocados ficariam aceitando ainda uma importância inferior à que os seus colegas dos dois jornais citados tinham já recebido.

Resolveram entregar o assunto novamente à Federação, que imediatamente interveiu, conseguindo-se, por fim, re-

estigação foram postos à sua disposição 35 camaradas, que se encontram no forte de Monsantos, para onde foram enviados, a fim de desaglomerar os cabos do governo civil, sob o comando de um alferes.

No mesmo juízo foram enviados Júlio Alfredo Bonfá, de 16 anos, de Lisboa, e Ernesto Rodrigues, 32 anos, correiro, presos por cantarem a *Internacional*. Recolheram à cadeia do Limeiro e também responderam na terceira feira.

Sindicato Único Metalúrgico

Por deliberação dos corpos gerentes, serão enviadas durante a semana para todas as oficinas metalúrgicas, listas de quetes para auxílio aos camaradas das Juventudes Sindicais, presos por terem assistido a uma sessão de propaganda contra a carestia da vida e contra as prepotências exercidas pelos governantes contra a organização operária.

Para que a solidariedade a prestar aos jovens sindicais atinja o que é de esperar da classe trabalhadora e de que eles são mercedores, pese-se a todos os metalúrgicos que auxiliem este Sindicato, demonstrando aos governantes que são solidários com o protesto que aqueles camaradas fizeram contra este estado de coisas que nos deprime e vexa.

Para dar cumprimento a tal missão, devem comparecer na sede todos os membros do Conselho Técnico, Comissão Administrativa, Caixa do Solidariedade e representantes das secções, àmanhã, segunda feira, às 21 horas.

A solidariedade operária

A favor dos jovens sindicais presos, recebemos nestas oficinas, as seguintes quantias:

A. Dias \$20; queta na oficina metalúrgica da Junqueira, 3323; João Francisco, 1800; A. C., \$20. Total, 4803.

No Instituto de Medicina Leg 1 deu ontem entrada Francisco Contente ou Francisco Morais do Rosário, de 76 anos, pedreiro, residente na travessa do Aleixo 18, 1º, que na rua de Campolide, 12, faleceu repentinamente.

• • •

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão para apresentar a "demarche" efectuada junto do director da polícia de segurança do Estado, por motivo das prisões dos camaradas da Juventude Sindicista e dos outros camaradas que também estão presos.

O director da polícia respondeu que os respectivos processos já haviam sido enviados para juiz.

Esta comissão tomou conhecimento de uma carta dos camaradas João Maria Major e José Rodrigues Gama, os quais novamente pedem para que se interessem pela sua situação, assunto que está entregue ao dr. Sobral de Campos.

Foi afiançada por esta comissão a camarada Leopoldina Tavares, que se encontra presa na esquadra das Mónicas.

Receberam-se as seguintes quantias para auxiliar os camaradas presos: Do pessoal gráfico da casa Emílio Braga, \$30; de várias quetas recebidas na administração de *A Batalha*, 12764.

Assistiu esta comissão à saída dos camaradas da Juventude Sindicista, da Boa Hora para o Limeiro, lamentando o facto de terem os presos retirado sem beber água, pois esta tinha sido fechada, o que representa uma revoltante deshumanidade da parte de quem tem a seu cargo a respectiva chave.

A comissão pró-presos volta a reunir hoje, pelas 20 horas.

• • •

A questão das farinhas

Uma comissão das Associações de Classe dos Manipuladores de Farinha e Operários da Moagem, procurou ontem o presidente do ministério a quem entregou uma representação protestando contra a ilegal importação de farinha exótica, feita ao abrigo dum de-pacho ministerial, sem que haja lei que tal autorize.

Coitámos com este critério de sucessivas importações de farinha chegaríamos à paralisação da Moagem, e consequentemente, à miseria de milhares de operários.

O comissão procurou também o ministro da agricultura, que lhes marcou uma audiência para segunda feira.

• • •

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federacão de Couras e Peles. Reuniu a comissão administrativa nomeada no recente Congresso, resolvendo, ao tomar posse dos seus cargos, saíram toda a organização operária e afirmar a sua solidariedade com todos os camaradas que se encontram nas prisões, vítimas das perseguições governamentais. Resolveu mais, pedir às associações para sanctionar a nomeação dos delegados ao conselho federal, para o que já lhes oficiou no sentido de que o façam o mais breve possível.

A comissão reúne às quartas feiras às 21 horas.

Canteiros e Polidores de Mármore. Em assembleia geral, reuniu esta classe, em 20 p. p. ventilando o caso das empreitadas a realizar na escola Machado de Castro. Largamente debatido o assunto, ficou resolvido aceitar essas empreitadas debaixo do regulamento do Conselho Técnico da Construção Civil, constando da preparação de 4 pedras necessárias para o seguimento das paredes da entrada principal. Concluído este trabalho continuará a construção pela forma anterior.

Na reunião foi apresentada uma moção do camarada José Lopes, do teor seguinte:

"Considerando que o governo resoluve perseguir sistematicamente as Juventudes Sindicais;

Considerando que as ditas Juventudes tem a missão altruista de preparar, pela educação racional, o moral dos jovens, a fim de constituir, no futuro, uma sociedade mais justa e equitativa do que a presente;

Considerando que o governo, na ânsia da repressão, mandou prender 69 jovens sindicais que assistiam a uma sessão contra a carestia da vida;

Os operários canteiros e polidores de mármore, reunidos em assembleia geral, resolvem:

1º Protestar veementemente contra a prisão de 69 jovens sindicais, sócios da Juventude do 1º bairro, e contrar a resolução do governo mandar perseguição a todos os sindicais;

2º Manifestar a mais franca e lial solidariedade às Juventudes Sindicais e aos presos dessas instituições."

Esta moção foi aprovada por aclamação. Tratou-se ainda de diversos assuntos, encerrando-se a sessão aos vinte e cinco da *Batalha*, aos jovens sindicais, à organização operária e à Confederação Geral do Trabalho.

Na acta foi exarado um voto de sentido pelo falecimento do camarada José Augusto do Carmo.

• • •

No jornal *O Mundo* onde, a exemplo das outras empresas, todos os operários receberam os dias em que durou a paralisação, sucedeu um caso, que merece ser citado.

Houve um camarada esteriotipador que, mercê da má vontade da empresa, e devido a um caso que implicou a dispensa dos seus serviços, não recebeu, como era de direito, a importância que os demais operários receberam.

A Federação do Livro e do Jornal oficiou à empresa no sentido de que ela reparasse a injustiça mas, após uma troca de ofícios ao caso referentes, verificou-se que a empresa do jornal *O Mundo* muito "democraticamente" tentou fazer do caso uma questão fechada e mostrando-se, portanto, disposta a não atender à reparação de tal injustiça.

Resolveu a Federação, com o fim de evitar que o caso se irritasse e para pôr um termo ao assunto, satisfazer, por intermédio da comissão executiva, pró-aumento de salários, àquele camarada, a importância dos dias em que durou a paralisação do trabalho,

Este caso define bem a nobreza de conduta com que cada uma das entidades — a Federação do Livro e do Jornal e a empresa do jornal *O Mundo* — entendeu dever solucionar a questão.

• • •

Convoque-se o camarada Abel Pereira a comparecer amanhã, pelas 21 horas, no gabinete da C. G. T.

Aos operários da Construção Civil

PREVENÇÃO

Lemos nos jornais de 20 do corrente o projecto do regulamento do decreto n.º 5.515, referente ao Horário de Trabalho.

Apreciamos o referido projecto e devemos o gosto o seguinte fecho, que transcrevemos na íntegra:

"O regulamento termina pelo modelo de uma cadereta que deverá ser fornecida pelos sindicatos a todos os assalariados, tendo na primeira página o retrato do portador e os dizeres: "Serviço da República — Ministério do Trabalho — Direcção Geral do Trabalho — Horário do Trabalho — Do cidadão... de profissão... — Visto pelo inspetor da Circunscrição do Trabalho."

Apreciamos tudo isto por nós, vejinhos, à memória as célebres caderetas profissionais-policiais que nos queriam impingir em 1912; e como nessa data não nos fizeram aceitar, tratam agora de nos dobrar a pilha, a título de prova, que a parecia era que se pretendia justificar algum assalto.

Quando os indivíduos que tomaram a iniciativa de impedir a continuação do roubo, voltaram à mercearia e verificaram que o polícia que se encontrava à porta tivera o cuidado de prever o merceario para que retirasse da balança o tal peso de 20 gramas, o que não obstante a que muita genial ficasse ainda roubada, devido a ter-lhe sido vendido o açúcar em pacotes que já se encontravam feitos, em quantidade aproximada a cem, e que estavam deslocados naquele peso. Pois ainda mesmo no açúcar fornecido pelo polícia, a que pesava 200 gramas, havia 180 de açúcar.

Além disto, é do mais ordinário, parece aí. O bacalhau é vendido também por bom preço, e o mais déle pôde. O azeite está-se vendendo a \$90 o litro e o resto é tudo em relação.

• • •

União dos Empregados no Comércio de Lisboa

Continuam hoje, nesta associação, as festas cujo produto líquido reverte a favor do seu cofre da instrução.

O programa de hoje é o seguinte: Às 19 horas, concerto pela tuna do Grêmio Recreativo Lusitano; às 22 horas, grandes surpresas por um grupo de sócios desta colectividade, seguindo-se baile que será abrilhantado por alguma distinta pianista.

• • •

Ainda a greve ferroviária

Os "amarelos" da greve ferroviária

Tendo o sr. Sá Cardoso prometido aos amarelos corridos das oficinas da C. P. pelos ferroviários, que os colocaria nas obras do novo Arsenal, no Alfeite, procurou-nos uma comissão, representando os operários que ali trabalham, que nos declarou que estes operários não trabalharão com os traidores da greve ferroviária.

O complemento interessante desse caso é terem sido acusados de bolchevistas aqueles que defendem a sua bolsa e a da restante população do sítio contra o bandoleirismo do horário de trabalho.

Nós, operários da construção civil, não necessitamos de que nos regularmente o Horário, por quanto o conquisstamos em 1916 e sabermos fazer cumprir, o que então ficou estipulado entre a nossa organização e os mestres, a todos que o queriam atraçear.

Quanto às caderetas declaramos muito perentoriamente que já tem aos nossos camaradas sindicais e não aceitaremos mais nenhuma, pelo menos vindos de quem venha do governo.

Como itinuarmos com este critério de sucessivas importações de farinha chegaríamos à paralisação da Moagem, e consequentemente, à miseria de milhares de operários.

O comissão procurou também o ministro da agricultura, que lhes marcou uma audiência para segunda feira.

• • •

A morosidade e a carestia dos transportes

Chamamos a atenção de quem compete, para o facto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses concurrer dum forma condenável para a carestia da vida, não só nos preços das

A BATALHA

TEATRO SÃO LUÍZ

Milagres da celebre revista O PÉ DE MEIA

Que o Pé de meia é sabido e provado; Donc'as portas da morte, Vae vel... e fia curado!

Tantos devotos conquistou, Tanto milagre apregoa, Que deixa a perder de vista Santo Antônio de Lisboa!

Sofria, ha muito, o Corcão Dalmatino actual, Pegou-se logo o Pé de meia...

Apanhou-o logo a talada!

Era a Gertrudes Baptista

Covia como o covelo: E o que veio a dizer a revista: Crescer-lhe logo o cabelo!

Bertha, ha dez anos casada,

Sem dó amor obter os prémios,

Vai a revista... e, de enfada,

Deu logo a luz quatro gémeos!

Tem D. Eufásia um antraz,

Mas não sofre, não lhe doe...

Desde que sobre elle traz

Um Pé de meia do Eloy

Ganha pé certa, à roleta,

Quem um Pé de meia meta

Dentro do can



= Á venda em todas as drogarias =

DEPÓSITO GERAL:
Charles Creange
159, Rua dos Douradores, 1.º E.—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 616

Companhia do Papel do Prado
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Proprietária das Fábricas do Prado Mariana, Sobreiro (Tomar), Penedo, Casas do Forno (Louz) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua indústria.

Tem em depósito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho.

Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualidade de papel de máquina contínua ou redonda e de fórmula.

Fornecendo papel aos mais importantes jornais e publicações periódicas do país.

Escritórios e Depósitos
270, Rua dos Fanqueiros, 278 — LISBOA
49, Rua Passos Manuel, 57 — PORTO

Enderézo: tipográfico Lisboa e Porto: PELPRADO

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Mamede & Borges, S. res 22
67, Rua do Bomjardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA
sendo os preços por caixote de 3:600 caixinhas (25 grossos):

Fósforos de enxóix 36\$00 ou \$01 por caixinha; ditos Amoros, 72\$00 ou \$02 ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02 ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10:00, seja qual for o número de grossas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA.

Trabalhadores
lute e propagai

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Pôco Novo

Louças esmaltaadas, vidros, jarras, candeirões, faianças, porcelanas, etc., etc. Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a província — ilhas e colônias —

Largo do Pôco Novo, 22 — Lisboa
(Junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

“A Batalha”

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás do Negro e letra do poeta operário João Black Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A venda na administração de A Batalha,

Boa ocasião de comprar barato

Só na SAPATARIA BRASIL ou ROYAL na

Rua da Madalena, 206 a 208 e 210 a 22

é que todos devem comprar o seu calçado com economia

e bom acabamento

SEMPRE SALDOS!

Sortimento de calçado para homem, senhora e criança

DESCONTOS A TODOS OS OPERARIOS

Companhia das Aguas de Lisboa

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Capital 7.000.000\$00 — I série emitida 5.000.000\$00

Sede da Companhia

20—Avenida da Liberdade—20

Postos de reclamações — Corpo de Bombeiros

Quartel n.º 6—Rua Fradesso da Silveira Estação n.º 16—Rua de Filipe Nery

Quartel n.º 5—Largo da Graça Estação n.º 26—Portas D. Estefânia

MAQUINAS DE ESCREVER

Única oficina no país devidamente montada para as suas reparações e reconstruções

PRAÇA LUIZ DE CÂMÕES

(Esquina da Rua do Mundo)

TELEFONE — 3:066-C

Banco de Portugal

Sociedade Anónima de responsabilidade Limitada

CAPITAL 13.500.000\$

Sede em Lisboa: Rua do Comércio, 148

(Vulgo Capelistas)

Caixa Filial no Pôrto

Agências em todos os capitais dos distritos administrativos do continente e ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã e em Setúbal. Correspondentes nas principais terras do país. Correspondentes nas Praças principais da Europa e do Brasil. Operações: descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos. Compra e venda de cartas de crédito, cartas de crédito sobre práticas estrangeiras, depósitos de dinheiro e de valores e todas as transacções que pela natureza especial da instituição lhe são permitidas.

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

649

650

651

652

653

654

655

656

657

658

659

660

661

662

663

664

665

666

667

668

669

670

671

672

673

674

675

676

677

678

679

680

681

682

683

684

685

686

687

688

689

690

691

692

693

694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

704

705

706

707

708

709

710

711

712

713

714

715

716

717

718

719

720

721

722

723

724

725

726

727